

LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: a influência da contação de histórias no processo de formação de pequenos leitores

Literature in childhood education: the influence of storytelling on the small readers' formation process

Tânia Silva Neumann Barroso¹
Cláudia Regina da Silva¹

Resumo: Neste estudo pretende-se refletir sobre questões voltadas às práticas pedagógicas, enfatizando a contação de histórias no cotidiano escolar, dentro da educação infantil, mostrando como a arte de contar e recontar histórias, enquanto memória inventada, influi na constituição do processo de ensino e aprendizagem. Buscamos sustentação teórica em estudiosos da literatura infantil, que servem de parâmetro para os educadores que estão inseridos diariamente no contexto da sala de aula. Como objetivo geral, busca-se compreender o campo da literatura, da linguagem oral, da contação de histórias e sua influência no processo de formação de pequenos leitores. A partir dos resultados, interpretamos que os valores, os assuntos, a linguagem, os interesses e a apresentação dos livros correspondem ao desenvolvimento das crianças; exploram as histórias de modo que a leitura visual, as imagens, as letras, os diferentes repertórios linguísticos, constituem-se, criticamente, na formação inicial deste leitor em potencial.

Palavras-chave: Literatura infantil. Formação de leitores. Contação de histórias.

Abstract: This study aims to reflect on issues facing the teaching practices, emphasizing storytelling in everyday school life, in childhood education, showing how the art of telling and retelling stories as memory, invented influences the formation of the teaching and learning process. We use theoretical support for scholars of children's literature which serve for the students who are entered in the context of the classroom. As a general purpose, there is the understanding of the field of literature, oral language, storytelling and its influence on the young readers' formation process. We interpret the values, subjects, language, interests and the presentation of the books correspond to the development of children; explore the stories so that the visual reading, pictures, letters, different linguistic repertoires, it is critically constitute the initial formation of this potential reader.

Keywords: Children's literature. Readers' formation. Storytelling.

Introdução

Literatura é arte. Literatura infantil é arte. Contar histórias é arte. É a arte do fantástico universo das histórias. Ler uma história é um momento que pode se dar de modo individualizado ou coletivamente.

Um livro, ao ser contado, pode ser apresentado de diferentes modos e enunciados. As contações de história podem ocorrer em diferentes contextos: familiares, escolares, espaços públicos, bibliotecas, livrarias; podem acontecer de maneira improvisada, planejada, programada com bastante antecedência, por meio de professores, pais, tios, avós, profissionais deste mundo imaginário e lúdico, e até pelas próprias crianças que criam e recriam suas histórias, a partir da uma “leitura de imagens” que lhes é apresentada.

“Era uma vez...”: esse início de frase, tão conhecido nas histórias, tem como companheiro inseparável um objeto de diferentes formas, tamanhos, espessuras, cores, formatos, desenhos que traz o nome em comum: - o livro. Não há receita pronta para a escolha de um livro a ser trabalhado na Educação Infantil. Este deve atender às necessidades fundamentais da infância, bem como levar em conta o desenvolvimento psicológico, intelectual e espiritual da criança.

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

Nesse sentido, os valores, os assuntos, a linguagem, os interesses e a apresentação dos livros devem corresponder ao desenvolvimento das crianças e explorar as histórias de modo que a leitura visual, as imagens, as letras, os diferentes repertórios linguísticos, se constituam criticamente na formação deste leitor em formação.

Contar é arte e como toda arte merece apreço e pesquisa. Ao contar uma história, a voz, o ritmo, o espaço, o tempo, o meio, os sujeitos... diferentes aspectos necessitam ser estudados e analisados. Segundo Coelho (2006, p. 13):

Constatada a importância da história como fonte de prazer para a criança e a contribuição que oferece ao seu desenvolvimento, não se pode correr o risco de improvisar. O sucesso da narrativa depende de vários fatores que se interligam, sendo fundamental a elaboração de um plano, um roteiro, no sentido de organizar o desempenho do narrador, garantindo-lhe segurança e assegurando-lhe naturalidade.

O roteiro possibilita transformar o improvisado em técnica, fundir a teoria à prática. Neste sentido, o planejamento é fundamental. Ao estudar uma história para a respectiva contação, o narrador ou contador precisa contemplar algumas etapas, tais como: escolha da história, estudo da história infantil, formas de apresentação das histórias e a narração delas. A apreciação, por parte do narrador da história que se pretende contar, é fundamental. Coelho (2006, p. 14) ressalta que:

A história é o mesmo que um quadro artístico ou uma bonita peça musical: não poderemos descrevê-los ou executá-los bem se não os apreciarmos. Se a história não nos desperta a sensibilidade, a emoção, não iremos contá-las com sucesso. Primeiro é preciso gostar dela, compreendê-la, para transmitir tudo isso ao ouvinte.

Nesta perspectiva, buscamos trazer este trabalho na forma de projeto multidisciplinar com a turma de cinco anos de um centro de educação infantil (municipal), tendo como objetivo geral compreender o campo da literatura, da linguagem oral, da contação de histórias, para subsidiar análises das concepções no processo de formação desse leitor em formação.

Leitura: comunicação com o mundo

A leitura é um dos meios que o indivíduo possui de se comunicar com o mundo, de ter contato com novas ideias, pontos de vista e experiências que, talvez, sua vida prática não lhe proporcione. Não ler causa prejuízos que vão desde o precário desenvolvimento pessoal e profissional até a ampliação das desigualdades sociais. Assim, surge a formação de uma sociedade leitora. Sabemos que grande número dos brasileiros só domina os princípios básicos de leitura e da escrita. Outros leem, mas não entendem sequer textos simples. Então, como fazer um trabalho significativo na Educação Infantil, que vise à interação com a literatura?

A literatura infantil, desde sua origem, foi utilizada como um instrumento educacional, um reforço para fixar os costumes da sociedade em cada época. Tanto é verdade, que até hoje é questionado se a literatura infantil deve ser um instrumento de educação ou de divertimento.

Para analisar essas questões, precisamos levar em conta, primeiramente, que o aparecimento da literatura infantil tem características próprias, pois “decorre da ascensão da família burguesa em contrapartida do enfraquecimento das grandes propriedades e da aristocracia fundiária do novo status concedido à infância, na sociedade, e da reorganização da escola, que se torna aberta para todas as classes sociais” (COELHO, 2006, p. 24).

Isso foi o que deu à literatura infantil, desde sua origem, a assombrada intencionalidade que se modifica de acordo com a época e os valores da sociedade vigente. Com o surgimento das escolas e das literaturas, a ideologia que ambas possuíam era controlar o desenvolvimento

intelectual da criança, manipulando suas ideias e sentimentos. Esse pensamento baseava-se na concepção de infância que permeava o final do século XVII e do século XVIII, período em que foram escritos os primeiros livros para crianças, pelos pedagogos.

A escola, no período destacado anteriormente, não trabalhava com a realidade do mundo infantil, e negava a convivência social, apenas ensinando as normas ditas por aqueles que tinham o poder, ligada à expansão e aperfeiçoamento do ensino escolar e uma pedagogia controladora.

O professor colaborava no processo de dominação, submetendo-se, também, às classes poderosas, e assim, as histórias contadas, as literaturas, a escola e os livros compartilhavam uma mesma função, reproduzindo o mundo adulto e interferindo nas ações individuais das crianças. Além disso, interferia no mundo imaginário incutindo ideologias e impedindo a reflexão. E isto, de alguma forma, compromete não só a ação leitora, mas sobretudo a singularidade humana, conforme comenta (BRAGATTO FILHO, 1995, p. 26):

Ora, se o homem, como bem o sabemos, é um sujeito de ideias, que concebe sistemas racionais, científicos e filosóficos, ele é também um sujeito de emoção e ação, quer dizer, dono de uma sensibilidade e de uma vontade, ele ama, quer e luta porque é livre. Portador de um imaginário individual que se nutre de outro, o coletivo, pois, como ser social e histórico, interage com seus parceiros. Ele é essencialmente o sujeito criador da cultura.

Esses dados são importantes para que compreendamos o porquê das discussões sobre o que deveríamos designar como literatura; essa visão histórica se confronta com o pensamento do que se designa por literatura e sua função nos dias atuais.

Onde e como contar histórias?

Como historicamente a literatura infantil foi muito associada à função pedagógica do livro e da leitura, o primeiro lugar que nos ocorre para a contação de histórias é a escola. Sem dúvida, é o lugar no qual ela mais encontra aplicabilidade, conforme Ceccantini (2004, p. 272):

A escola foi tomada como espaço físico e social adequado, devido ao fato de crer-se que o texto literário, nesse ambiente, deve circular com maior frequência, tendo em vista ser ela, hoje, a principal responsável pela mediação de leitura literária na sociedade.

Para que a leitura literária aconteça com qualidade na escola, os leitores devem estar bem acomodados, de preferência sentados no chão com almofadas ou tapetes, livres de barulho. Este local depende muito, também, de quem conta as histórias. Os cenários imaginários podem ser transformados, como a sala de aula, que se transforma em pátio de castelo, a sala do trono pode ser embaixo de uma árvore, transformada na torre mais alta da fortaleza, ou ainda numa praça, num campo, num palácio, aproveitando para dar a cada lugar o desenho necessário para enriquecer a narração. Quanto mais aconchegante e sossegado for o local, melhor. Contar histórias para crianças cansadas, com sono, com fome, ou vontade de ir ao banheiro não é nada gratificante, mas ler para as crianças interessadas, atentas, curiosas, é sempre oportunizar que elas possam sorrir e gargalhar, com situações vividas pelos personagens, tornando-as cúmplices deste momento de brincadeiras, suscitando o imaginário, e respondendo suas curiosidades.

Cada contador cria sua forma pessoal, tenta colocar suas vivências e administrar da melhor forma possível, vendo se há a necessidade de somente contar, ler ou memorizar todo o texto. Trabalhar a “contação de histórias” é abrir as cortinas do mundo para uma plateia de seres que buscam a construção do “seu ser” como sujeitos de uma sociedade.

Não existe segredo ou regra para contar histórias. Algumas técnicas, decorrentes de

experiências, e muitos ensaios, no qual o ouvinte possa encontrar nos olhos do contador o seu porto seguro, são suficientes. Assim, o fato de contar histórias é uma linguagem única e que pode ser desenvolvida por qualquer pessoa que tenha no coração um ninho aconchegante para recebê-las e compartilhá-las.

Histórias simples, interessantes e de gêneros variados, as quais fazem com que as crianças viajem no tempo e espaço, podem ser uma escolha acertada em alguns momentos. Percebe-se que as histórias contadas, principalmente as fábulas, têm maior recepção das crianças. Talvez por trabalharem narrativas que agregam valores, como amor, caridade, justiça, honestidade, respeito, responsabilidade, e também por serem curtas e bastante diretas, integrando o conhecimento, a família, a escola, a vida em sociedade.

Nesse sentido, é importante lembrar que dominar alguns elementos para ler ou contar histórias é garantir, certamente, o sucesso da literatura-viva. Sisto (2005, p. 122) dá algumas recomendações do que o contador deve observar “para contar melhor”:

- Olhar para a sua plateia - não fixando seu olhar para o chão, para o teto, ou numa pessoa.
- Linguagem de acordo com a idade das crianças (plateia) - nunca infantilizando a linguagem, exagerando nos diminutivos, e usar o mesmo tom de voz durante toda a história.
- Tornar expressivo o que se diz - as palavras têm “coloridos e texturas” diferentes e se adaptam ao que queremos dizer, com a ênfase e a intenção que colocamos nelas. As palavras são diferentes, têm pesos e alturas diferentes.
- Atentar para o ritmo da fala - o nervosismo e a inexperiência nos levam a falar rápido demais.
- Não ser óbvio demais, nem didático, nem moralista, nem doutrinário, nem preconceituoso (sem preocupação de passar uma mensagem ou moral para o ouvinte).
- Ser capaz de cativar o ouvinte e suscitar o desejo de novas leituras.
- Ser capaz de provocar arrepios, levar à percepção de novas coisas, ampliar a imaginação.

Outra consideração levantada pelo autor é que um contador de histórias é um agente de sua língua, portanto deve haver adequação em sua linguagem, conforme a narrativa, preservando a literalidade do texto, com um vocabulário claro e preciso, sem uso de termos e falas técnicas.

Considerações finais

As histórias possibilitam a articulação entre objetividade e subjetividade, “espaço entre”, no qual se situa o trabalho pedagógico. É, portanto, um recurso riquíssimo que pode promover a criatividade, a criticidade e a sensibilidade do pequeno leitor. O conteúdo mítico, as ações praticadas pelos personagens e os valores morais implícitos na narrativa, permitem projeções que facilitam a elaboração de questões emocionais, muitas vezes expressas em sintomas que se apresentam na aprendizagem.

A compreensão dos enredos, a análise dos conteúdos e a estrutura linguística subjacente ao texto, permitem ao professor investigar questões cognitivas presentes no processo de aprendizagem, mediando a construção da leitura e não somente as atividades.

Para mediar o contato com a literatura infantil, faz-se necessário que o professor se aproprie da função e das características exercidas pela mesma. Precisa, antes de tudo, conhecê-la e isso se faz por meio da leitura. Como mediador do processo de formação de pequenos leitores, o professor precisa ser um leitor competente, crítico; assim, sua prática pedagógica se efetivará de modo significativo.

Referências

CECCANTINI, Cardoso Tápias Luís João. **Infantojuvenil**: memória de Gramado. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2004.

COELHO, Betty. **Contar histórias**: uma arte sem idade. 10.ed. São Paulo: Ática, 2006.

BRAGATTO FILHO, Paulo. **Pela leitura literária na escola de 1º grau**. São Paulo: Ática, 1995.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Curitiba: Positivo, 2005.

Artigo recebido em 15/06/15. Aceito em 17/08/15.
